

RB

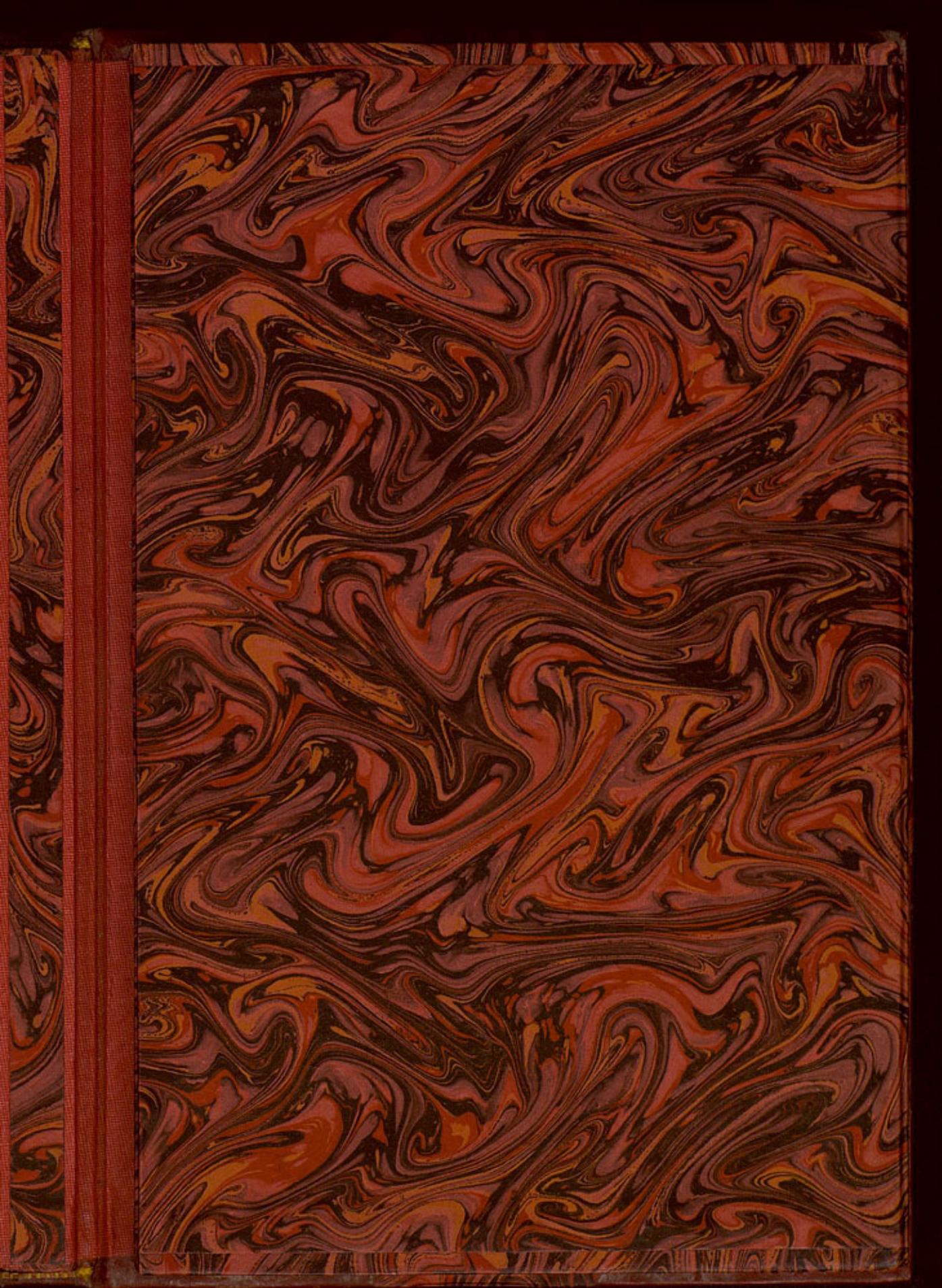
17

26



LIVRARIA ACADÉMICA  
R. Mártires da Liberdade, 12  
PORTO-PORTUGAL-TELEF. 2005988

RB  
17  
26







RB  
17  
26

RB

17

26

O CAVALO DE TODAS AS  
CORES § revista trimestral diri-  
gida por ALBERTO DE SERPA e JOÃO  
CABRAL DE MELO NETO § tiragem li-  
mitada a duzentos exemplares §  
publicada em Barcelona por João  
Cabral de Melo.

Sumário do número 1, de janeiro de 1950: PEDRO HOMEM DE MELLO, Nove canções católicas § VINICIUS DE MORAES, A bomba atômica § R. SANTOS TORROELLA, Cuatro poetas § JOSÉ RÉGIO, Poesia § E. TORMO, Xilografía popular en Cataluña



NOVE CANÇÕES  
CATÓLICAS

POR

PEDRO HOMEM  
DE MELLO

1

O CAVALO DE TODAS AS CORES

I

*São cinco letras... Pedro é o meu nome.  
Daí o rumo da minha sorte...  
Meu nome é Pedro. Que triste nome!  
Tem tantas letras aquele nome  
Como a palavra triste da morte!*

**E**U, o das mil volúpias ignoradas,  
O santo da montanha, ainda não vista,  
Onde, por maldição, deixou pègadas  
Quem não foi só Poeta, mas artista,  
Eu, Dom Quixote e nunca Machiavel,  
Rico, entre os pobres, e, entre os ricos, pobre,  
Eu, cujo sangue azul vem desde Abel,  
Desde Camões e desde António Nobre,  
Eu que troquei o mar pelo jardim  
E, pela praia estúpida, a floresta,  
Depois de morta a Morte, (e, morta, em mim!)  
Que hei-de fazer da vida que me resta?

II    **A** minha pátria existe onde haja amor.  
Com ele, até Dezembro é mês de Abril!  
Preciso da beleza dum perfil  
Para aguentar a cruz, seja onde for.

Mas, afinal, as ondas e os escolhos,  
Os tenros campos e as crueis montanhas  
São meu nariz, meus beijos e meus olhos...  
Corpo com alma? Sim. Mas com entranhas.

III    **E**RA um jardim de má fama.  
Quanta vez, atravessei-o,  
Sentindo aquele receio  
Das mãos, diante da chama!  
Coragem ou cobardia?  
Sei que, às vezes, noite fora,  
A mim próprio, em vão, dizia:  
— Soou minha última hora!  
Acaso? Talvez... Porém  
Nem um rastro de vestido!  
Jardim negro e proibido,  
Nele nunca vi ninguém.

Lago, relva, estátua, arbusto  
—Espelhos do meu prazer!

Jardim que era, a bem dizer:  
Depois, remorso, e, antes, susto.

IV      **A** quem me tratar por tu  
Não direi mais:—Meu Senhor!  
Sob o luxo enganador,  
O corpo existe. E esse é nu.

V      **N**ão no meu rosto que mantenho liso,  
Não no meu peito que mantenho ondeante,  
A idade me segreda, em cada instante,  
Que está, perdido quase, o paraíso.

Mas nessa flor que eu sinto abrir-se toda  
Em pétalas de quanto desconheço  
E me sugere um repetido preço  
De breve, falsa, repetida boda...

Rosa que eu traga no seio  
Tenha a cor do meu país!  
Pus uma rosa no seio...  
Mas o amor nunca mais veio.  
— Nossa Senhora não quis...

E a todo o espelho componho  
O olhar de negro verniz!  
De que me serve este sonho?  
Quis dar alma e corpo ao sonho...  
— Nossa Senhora não quis...

Vinte anos? Dança? Beleza?  
Tudo o que a vida me diz  
Rima com dança e beleza...  
Quis a noite mais acesa!  
— Nossa Senhora não quis...

Quis dar um rei ao meu povo,  
Dar-lhe a fé na flor-de-lis.  
Quis dar-lhe ânsias de renovo!  
Quis ser o rei do meu povo...  
— Nossa Senhora não quis.

E quis, então, com alarme,  
Refazer o que desfiz.  
E pelo sinal de alarme  
Com meus versos quis manchar-me...  
—Nossa Senhora não quis!

VII **A**QUELA formosura, arrecebida  
Nessa herança fatal que anda comigo,  
Pôs manchas de remorso, em minha vida,  
Como um castigo...

O mar tão perto! E o ceu tão longe ainda!  
E por inferno: o inferno por abrigo.  
Se a minha boca era vermelha e linda  
Como um castigo!

Amor! única espada e única algema!  
Única estrela atrás da qual eu sigo!  
Desça por fim seu plúmbeo diadema  
Como um castigo!

E ficou rósea a flor da minha face!  
E, ao vê-la, ainda me chamam: — Doce amigo...  
Oh! não ter vindo alguém que me acordasse  
Para que tudo para mim findasse  
Como um castigo!

VIII **E**nada mais me importa além do pranto  
Que por milagre escorre em minha face.  
Senhor! Senhor! Senhor! Se eu não chorasse  
Não valeria a pena eu sofrer tanto!

Não valeria a pena tanta mágoa  
Se a luz só fosse artificial e dura.  
Não há para os meus olhos formosura  
Que me não deixe os olhos rasos de água.

Ó Fontes que, em meus olhos, misteriosas  
Hão-de brotar, se a flor cair da haste!

Um calcanhar está sempre onde há rosas.  
— Naquelas que não viste, mas pisaste...

IX

QUERO a minha campã, linda,  
Apenas, de inúteis flores.  
E hei-de, morto, ser, ainda,  
(Se um Poeta nunca finda!)  
Viúvo de mil amores...

*CABANAS, Verão de 1949*



# A BOMBA ATOMICA

POEMA

DE

VINICIUS DE MORAES

1

O CAVALO DE TODAS AS CORES

DOS CEUS DESCENDO  
Meu Deus eu vejo  
De pára-quadras  
Uma coisa branca  
Como uma forma  
De estatuária  
Talvez a fôrma  
Do homem primitivo  
A costela branca!  
Talvez um seio  
Despregado à lua  
Talvez o anjo  
Tutelar cadente  
Talvez a Vénus  
Nua, de clâmide  
Talvez a inversa  
Branca pirâmide  
Do pensamento  
Talvez o trôço  
De uma coluna  
Da eternidade

Apaixonado  
Não sei, indago  
Dizem-me todos  
É A BOMBA ATOMICA

Vem-me uma angústia

Quisera tanto  
Por um momento  
Tê-la em meus braços  
A coma ao vento  
Descendo nua  
Pelos espaços  
Descendo branca  
Branca e serena  
Como um espasmo  
Fria e corrupta  
Do longo semen  
Da Via-Lactea  
Deusa impoluta  
O sexo abrupto  
Cubo de prata  
Mulher ao cubo  
Caindo aos súcubos  
Intemerata

Carne tão rija  
De hormônios vivos  
Exacerbada  
Que o simples toque  
Pode rompê-la  
Em cada átomo  
Numa explosão  
Milhões de vezes  
Maior que a força  
Contida no ato  
Ou que a energia  
Que expulsa o feto  
Na hora do parto.

A BOMBA ATOMICA É TRISTE  
Coisa mais triste não há  
Quando cai cai sem vontade  
Vem caindo devagar  
Tão devagar vem caindo  
Que dá tempo a um passarinho  
De pousar nela e voar...  
Coitada da bomba atômica  
Que não gosta de matar!

Coitada da bomba atômica  
Que não gosta de matar  
Mas que ao matar mata tudo  
Animal e vegetal  
Que mata a vida da terra  
E mata a vida do ar  
Mas que também mata a guerra...  
Bomba atômica que aterra!  
Pomba atônita da paz!

Pomba tonta, bomba atômica  
Tristeza, consolação  
Flor puríssima do urânio  
Desabrochada no chão  
Da cor pálida do helium  
E odor de radium fatal  
Lœlia mineral carnívora  
Radiosa rosa radical.

Nunca mais, ó bomba atômica  
Nunca em tempo algum jamais  
Seja preciso que mates  
Onde houve morte demais:  
Fique apenas tua imagem .  
Aterradora miragem  
Sobre as grandes catedrais:  
Guarda de uma nova era  
Arcanjo insigne da paz!

BOMBA ATOMICA, EU TE AMO! ÉS PEQUENINA  
E branca como a estréla vespertina  
E por branca eu te amo, e por donzela  
De dois milhões mais bélica e mais bela  
Que a donzela de Orleans; eu te amo, deusa  
Atroz, visão dos ceus que me domina  
Da cabeleira loura de platina  
E das formas aerodivinais  
Que és mulher, que és mulher e nada mais!  
Eu te amo, bomba atômica, que trazes  
Numa dança de fogo, envolta em gases  
A desagregação tremenda que espedaça  
A matéria em energias materiais!  
O energia, eu te amo, igual à massa  
Pelo quadrado da velocidade  
Da luz! alta e violenta potestade  
Serena! Amor meu... desce do espaço  
Vem dormir, vem dormir no meu regaço  
Para te proteger eu me encouroço  
De canções e de estrofes magistrais!  
Para te defender, levanto o braço

Paro as radiações espaciais  
Uno-me aos líderes e aos bardos, uno-me  
Ao povo, ao mar e ao ceu brado o teu nome  
Para te defender, matéria dura  
Que és mais linda, mais límpida e mais pura  
Que a estrela matutina! Ó bomba atômica  
Que emoção não me dá ver-te suspensa  
Sobre a massa que vive e se condensa  
Sob a luz! Anjo meu, fora preciso  
Matar, com tua graça e teu sorriso  
Para vencer? Tua enérgica poesia  
Fora preciso, ó deslembada e fria  
Para a paz? Tua fragílima epiderme  
Em cromáticas brancas de cristais  
Rompendo? Ó átomo, ó neutrônio, ó germe  
Da união que liberta da miséria!  
Ó vida palpitando na matéria  
Ó energia que és o que não eras  
Quando o primeiro átomo incriado  
Fecundou o silêncio das Esferas:  
Um olhar de perdão para o passado  
Uma anunciação de primaveras!



CUATRO POETAS

POEMA

DE

R. SANTOS TORROËLLA

1

O CAVALO DE TODAS AS CORES

*Su voz quedó sin ellos y quisiera  
recordar cómo fueron, cómo pueden  
acaso ser ahora,  
si hay algo en los poetas que no muere.*

*¿Un árbol solitario,  
un ágil chopo sobre el campo verde?  
¿Un arroyo delgado entre los riscos  
que la sierra desciende?*

*¿Un alcor, de una torre coronado,  
donde el viento se agita y se revuelve?  
¿O tal vez esos surcos que inauguran  
la Primavera siempre?*

Tú serías, Antonio  
—don Antonio Machado—, lo que eres:  
un chopo pensativo y solitario  
sobre el rubio oleaje de las mieses.

*Antonio  
Machado*

O mejor, el olivo silencioso  
que en los grises aprende  
a mitigar un poco la pujanza  
de su verdor perenne.

Así, tiene tu verso,  
sobre la desnudez, el soplo leve  
que a las frondas del chopo y del olivo  
en la meseta con sosiego mueve.

Y nos gusta sentarnos a tu sombra  
—tu sombra de hombre bueno que comprende—  
para leer tu voz bajo tus hojas  
y ganar tus silencios al leerte.

*Federico  
García  
Lorca*

¿No corre por tu nombre, Federico,  
un arroyo de sueño que se pierde,  
un arroyo nocturno que discurre  
por ausencias de voz oscuramente?

Hay algo de rumor en tus palabras  
que se desliza como lejos siempre,  
buscando las caricias vegetales  
que por la noche en los jardines crecen.

Y tú debes estar,  
por tu almunia celeste,  
reclinado en la tierra de tu noche  
— con nube la mirada, sol la frente —  
al pie de un limonero granadino  
y la voz esparcida sobre el césped.

No son los asfodelos de tu cima  
ni el vigilante acecho que previene  
la guardia de tu nombre;  
tu torre combatida sí que puede  
hablarnos, don Miguel, desde la altura  
del alcor que vigilas y sostienes.

*Miguel de  
Unamuno*

Como torre te vemos,  
como torre que asedias y defiendes.  
Desde ella nos llamabas, aunque nunca  
pudiéramos en ella conocerte.

Querías enseñarnos los cimientos,  
mostrarnos las almenas donde a veces,  
por pelear contigo, acostumbrabas  
tan sólo de ti mismo a defenderte.

¡Cuánto más nos gustaba y preferimos  
cabe los porches de su patio verte,  
los ojos entornados y a la escucha,  
igual que Fray Luís, de alguna fuente!

*Miguel  
Hernández*

Sin Don ni torre, aunque Miguel lo mismo,  
Miguel Hernández del alcor descendes.  
Tu rayo que no cesa, más que rayo,  
fué la reja en el pecho que rompiese,

como rompe las hazas el arado,  
el humus de tu voz y la caliente  
entraña campesina de tus versos,  
de tu sentir, tus prados y tus mieses...

*Algo que vive aún de los poetas,  
al nombrarlos, con su nombre vuelve.  
Algo que está con ellos  
a la par tras la vida y tras la muerte.*

*Algo que en sus palabras  
quedó como semilla para siempre:  
semilla de las torres, los arroyos,  
los árboles, los surcos y las fuentes.*

## NOTAS

— al verso 26: Así se llamó a sí mismo Antonio Machado, en su poema *RETRATO*:

*...y, más que un hombre al uso que sabe su  
doctrina  
soy, en el buen sentido de la palabra, bueno.*

— al verso 41: Colina de asfodelos, como Don Miguel repetía, quiere decir en vasco el apellido Unamuno.

— al verso 61: *EL RAYO QUE NO CESA* es el título del segundo libro poético de Miguel Hernández, publicado en 1936, por Manuel Altolaguirre.



P O E S I A

POR

JOSÉ RÉGIO

1

O CAVALO DE TODAS AS CORES

Sonhou-se que algum dia, - quando não havia *dias*, nem *quando* -, o mundo era só um todo: indivisível, uno, integral. Não se sabe que onipotente Vontade, ou terrível Acaso, desfez essa perfeita unidade. Mas então apareceram as coisas distintas umas das outras; os seres separados uns dos outros; os fragmentos diversos da unidade desfeita. Só então, pròpriamente, nasceu a vida, o espaço, o tempo... e a irremediável dor mãe de todas: a dor da Unidade esmigalhada; da Realidade fragmentada em inúmeras pequeninas realidades parcelares.

Sonhou-se ainda que, na primeira alvorada da vida, ainda à face das coisas e dos seres, que eram essas inúmeras pequeninas realidades parcelares, se reflectia a Verdade essencial da sua una Realidade primitiva. Não se sabe que nocturna Necessidade, porém, embaciou esse divino espelho. As coisas e os seres como que recolheram a insondáveis lonjuras a sua essencial Verdade... E à superfície de cada coisa ou ser só apareceram verdades particulares, verdades circunstanciais, verdades aparentes, pedacinhos convenientes da Verdade...

Ou ainda se sonhou, aproximando um pouco de nós os abstractos sonhos anteriores, que um primeiro Homem e uma primeira Mulher viviam inconscientes da sua própria felicidade, por isso mesmo que perfeitamente felizes, num lugar onde nada lhes podia fazer falta. Não se sabe que Tentação os arrastou a quererem saber mais do que sabiam, eles que tudo sabiam por nada precisarem saber! E então foram expulsos desse lugar onde

nada lhes faltava, para outro onde tudo havia de ser conquistado com o suor do corpo e da alma. Então viu ele que era um homem incompleto, ela uma mulher incompleta, e, procurando completar-se um com o outro, viram nascerem-lhes filhos, - herdeiros da sua condenação...

Se não foram os deuses que no-las ensinaram, foram, decerto, os poetas que inventaram estas fábulas. E porquê? Porque a Poesia é o seu melhor testemunho.

Através das coisas distintas, dos seres incompletos, dos fragmentos dispersos, - tateando, cega, no vácuo por ser humana, mas obedecendo, iluminada, a um instinto superior por ser divina - ei-la vai a Poesia através dos escombros em demanda da Unidade original. As imagens dos poetas, que são senão ecos de correspondências que, por sua vez, serão ecos dessa Unidade longínqua? que são senão pontes lançadas dos seres para os seres, das coisas para os seres...? Poeta é o que ouve

o profundo apelo de tudo por uma Unidade quebrada mas não esquecida, e em todas as dores que sofre e canta - heróicas ou burlescas - sente ressoar o oceano da dor mãe de todas: a dor da universal separação.

Não à superfície, porém: não à superfície dos seres, das coisas, dos *fragmentos*, pode reconhecer o Poeta aquela Verdade essencial que a todos aproxima. Decerto, já muitas vezes a mera superfície lhe parece suficientemente bela; isto é: reveladora. Chega, às vezes, a nem saber o Poeta que isso lhe não basta! Mas Poeta é o que vai, através das aparências com que lida e joga, em busca daquela essencial Verdade escondida a insondáveis longuras... Palavras, - como as palavras se tornam poucas, e pouco, para exprimirem quanto, ao longo da infindável viagem, vai denunciando a inatingível Presença! E então se vale o Poeta de ritmos, de músicas, de jogos, de ressonâncias, na sua eterna tentativa de captação do infável.

Como ser humano que é, às vezes julga então que em si próprios têm seu fim esses ritmos, essas músicas, esses jogos, essas ressonâncias; ou aquelas imagens. Às vezes chega a crer que são os seus amores, os seus ódios, as suas invejas, as suas ambições, os seus ressentimentos, as suas melancolias, as suas alegrias, os seus vícios, as suas virtudes, - verdadeiro assunto da sua Poesia. Transplantado, do seu Jardim da Felicidade Perfeita, para o Vale de Lágrimas onde terá de ganhar o pão do corpo com o suor do rosto, o do espírito com o suor da alma, às vezes se dá por contente com as belezas mortais, por descontente com as fealdades exteriores, por feliz com as venturas transitórias, por infeliz com os infortúnios aparentes. Assim confunde com os motivos humanos da sua criação as primeiras e extremas razões da sua Poesia. Porém o seu verdadeiro mal é a irremediável saudade do seu Paraíso perdido; como o seu verdadeiro bem é esse mesmo seu mal. Se todas as suas graças e des-

graças se embaralham de modo que, pretendendo saber, já ele nem sabe onde começa ou acaba a sua desgraça, onde a sua ventura acaba ou começa, - é que o ter pretendido conhecer lhe entalou na garganta o fruto da Árvore da Ciência. Poesia é então a sua implacável saudade da sua Inocência primitiva, e sonhada reconquista dessa Inocência por esta mesma saudade. Assim tanto a melancolia como a consolação que a Poesia oferece - melancólica até quando alegre ou frívola, consoladora até quando desesperada ou lúgubre - são insubstituíveis e definitivas.

E eis como a Poesia é só uma! Que valem as inevitáveis diferenças das individualidades, das escolas, dos meios, das épocas, das raças, quando entre todas as obras poéticas há raízes comuns que as tornam uma só Obra? Que valem os motivos que cada um prefere, os recursos formais que utiliza, as doutrinas que julga servir, se o poeta é verdadeiramente Poeta, e é de Poesia que afinal

se trata? Estas coisas valem, sim, dentro do seu valor :  
Valem para os historiadores, para os psicólogos, para os  
sociólogos, para os moralistas, para os estetas, para os  
críticos. Mas à Poesia como Poesia, ao alado Cavalo  
furta - cores que, para se atirar às estrelas, escava as  
raízes e faz espinchar tanto a água das fontes como a  
dos charcos, - não lhe ponham antolhos que lhe não  
pertencem ! não lhe dêem rédeas que não aceita. Porque  
o seu tempo próprio é a Eternidade, o seu espaço a Imen-  
sidão, o seu fim o Absoluto.



XILOGRAFÍA POPULAR  
EN  
CATALUÑA

POR  
E. TORMO

1

O CAVALO DE TODAS AS CORES

Esporádicas noticias en inventarios reales y diocesanos atestiguan que la xilografía en Cataluña era conocida en los siglos XIII y XIV. Estos ejemplos, sin embargo, no han llegado a nuestros días para que podamos discernir su origen o procedencia.

\* \* \*

En pleno siglo XV, en la organización social de Cataluña tiene cuerpo jurídico un gremio de *naipers* y *stampers*; ello demuestra una arraigada industria impresora, en el momento de ser introducido entre nosotros el arte de imprimir propiamente dicho. Hacia 1470, emigrantes alemanes y holandeses pasan nuestra frontera portadores del retoño tipográfico.

\* \* \*

La plástica germana tiñe con marcado matiz nuestro grabado, si bien con el Renacimiento, Italia obliga a constantes vacilaciones que, junto a una falta de artistas que produzcan originales para ser llevados a la xilografía, agravan el problema de la creación, obligando a los grabadores a copiar las xilografías importadas o a inspirarse en ellas.

\* \* \*

Todo este caos plástico se trueca en un cosmos en el que se cristaliza, dos siglos más tarde, el grabado que conocemos como grabado popular.

Es en él que el verdadero grabador se sacude del yugo del artista y se convierte en su propio creador, simplifica su gramática plástica y con el mínimo de recursos técnicos consigue expresar el poético sentido popular del arte. Hay quien, equivocadamente, le ha llamado primitivo. En realidad es un retorno; las experiencias eran demasiado doctas para resistir a la perennidad de su expresión, para llegar triunfante a este sentido primario y popular del arte.





### EL CAÇADOR

Un matí a trenc d'albada,  
jo m'en vaig anar a caçar.  
Saltant barrancs i muntanyes  
una nina vaig trobar.  
Entauleu conversa amb ella,  
jo l'amor li demaní.  
La resposta que ella em feia:  
— Caçador, us burleu de mi.

. . .

y con él se funde todo lo poético



y lo poético se infunde en la industria







